

## **O Contexto Histórico da Encíclica *Mirari Vos*** *Historical context in the Mirari Vos Encyclical (1832)*

.Antonio Gasparetto (Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos/UFJF – Juiz de Fora  
- MG)

[gasparetto@demolay.org.br](mailto:gasparetto@demolay.org.br)

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Vélez Rodríguez. (UFJF)

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo contextualizar o período de publicação da Encíclica *Mirari Vos*, de Gregório XVI e editada no ano de 1832. O século XIX é marcado pelo fortalecimento das doutrinas liberais na Europa e na América, fato que incomodou a Igreja Católica que se vê perdendo espaço e a leva a um movimento de reação em busca da manutenção da ordem tradicional. Apresentamos aqui um pouco do ambiente europeu e a repercussão no Brasil.

**Palavras-chave:** *Mirari Vos*; Liberalismo, Tradicionalismo.

**Abstract:** This article wants to contextualize the period of the encyclical *Mirari Vos* publication, of Gregorio XVI and edited in 1832. The nineteenth century is marked by the fortifying of liberal doctrines in Europe and America, fact that disturbed Catholic Church that see itself losing space and try to make a reaction to maintain the traditional order. We show here a little of the ambient in Europe and the repercussion in Brazil.

**Key words:** *Mirari Vos*; Liberalism; Tradicionalism.

### **1. Considerações iniciais**

Após a Revolução Francesa as doutrinas liberais se espalharam pela Europa, muitos vizinhos buscaram na própria França o auxílio ou inspiração necessária para se combater as marcas do Antigo Regime. O caso da Itália merece destaque já que era em seu território que se encontrava a sede da Igreja Católica e de onde vinham fortes críticas tradicionalistas ao liberalismo. É importante compreender aqui como transcorreu o período revolucionário italiano no início do século XIX, visto que toda a movimentação na península itálica causou grandes incômodos ao papa e ao território dominado pela Igreja.

O liberalismo era acompanhado da ascensão da burguesia e de preceitos como a separação entre Estado e Igreja, por exemplo. Desenvolveu-se a partir daí uma expressividade anticlerical na Europa e com reflexos no Brasil que derrubavam as condutas tradicionais, para se tentar combater essa onda o papa Gregório XVI publicou a Encíclica

*Mirari Vos*, a qual se iniciava pela “condenação dos males atuais”. Porém sua recepção passou longe do almejado pelo papa, foi criticada na Europa e no caso do Brasil foi praticamente ignorada pelo Primaz Dom Romualdo de Seixas. Isso porque o pensamento liberal dominava a maior parte da elite política no Império, muito do que a encíclica condenava já havia tido uma boa adaptação em terras brasileiras.

Assim, se constrói aqui uma gradativa apresentação do contexto em que a *Mirari Vos* foi publicada, identificando-se o cenário italiano que se mostrou turbulento por vários anos, um pouco da trajetória do papa responsável pela carta e seu conteúdo em si, além de uma breve interpretação do que ocorria no Brasil e que tornava a realidade muito distante da desejada pelo papa.

## 2. O cenário italiano

Quando os franceses invadiram a Itália no ano de 1796 encontraram um terreno fértil para a expansão das idéias revolucionárias, desde a década de 1780 alguns jornais e panfletos italianos já davam destaque para as idéias que vinham da França. Eric Hobsbawn comenta que “um sentimento político pró-França ou filo jacobino existia em geral em certas áreas contíguas à França, onde as condições sociais eram semelhantes ou os contatos culturais permanentes”<sup>1</sup>, como na Itália. A censura não conseguia impedir o alastramento dos ideais franceses que eram tidos como esperançosos para os movimentos reformistas, isso porque, ainda segundo Hobsbawn:

O programa só era atraente em países com problemas políticos e sociais semelhantes aos da França. Estes se enquadravam em dois grupos: Estados em que o “jacobinismo” nativo tinha uma razoável chance de lutar pelo poder político, e Estados em que somente a conquista francesa poderia fazê-los avançar, [...] a maior parte da Alemanha Ocidental e da Itália pertenciam ao segundo grupo.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> HOBSBAWN, Eric J. *A Era das Revoluções 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. P. 97

<sup>2</sup> HOBSBAWN, Eric J. *A Era das Revoluções 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. P. 99

Diversos grupos se organizaram em torno da discussão, a maçonaria, por exemplo, desde 1780 já debatia medidas constitucionais. Obviamente, o governo italiano se opôs aos revolucionários franceses, considerando-os um perigo a estabilidade, mas para muitos o modelo legal e administrativo da França era a alternativa para se combater as elites tradicionais. Em Nápoles e no Piemonte, onde eram mais explícitos, conspiradores foram presos e alguns conseguiram fugir para o país revolucionário onde se tornaram influentes e ativos e ajudaram a preparar uma intervenção na península itálica.

O primeiro experimento revolucionário na Itália aconteceu em Onigalia no ano de 1794 sob a liderança de Felippo Buonarroti que introduziu uma constituição republicana na região. O experimento chegou ao fim em 1795 juntamente com a queda de Robespierre na França, mas o exemplo de Buonarroti não seria esquecido.

A campanha francesa na Itália começou em 1796 com a invasão do exército de Napoleão Bonaparte. O rei Victor Amadeus III foi forçado a ceder Piemonte e Sardenha, logo depois expulsaram os austríacos de Milão e dominaram a região nordeste dos Estados Papais, que foram cedidos pelo papa através de um acordo de paz. A Áustria reconheceu a soberania da França em algumas regiões e nos dois anos seguintes a península itálica desfrutou de relativa liberdade e democracia.

As origens do *Risorgimento* italiano podem ser traçadas nesse período. Definitivamente data dessa época, envolvida pela formação de grupos políticos afirmando o direito do povo italiano de desenvolver um governo de acordo com seus desejos e tradições tanto quanto o crescimento do nacionalismo e da responsabilidade individual.<sup>3</sup>

Durante o triênio revolucionário (1796-99) as iniciativas políticas da Itália permaneceram nas mãos francesas, Napoleão trabalhou na criação de “repúblicas irmãs” que reconhecessem a hegemonia francesa e adotasse sua legislação. A primeira delas foi a República Cispadina criada em Modena em março de 1797, seguida logo pela República Cisalpina que englobava grande parte da Lombardia, em julho. A terceira, República

---

<sup>3</sup> THE NEW ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Revolution, restoration and unification*. Macropaedia, 15th Edition, Volume 22. P. 225

Liguriana, foi proclamada em junho do mesmo ano e era governada por membros da aristocracia local que trabalhavam unidos com o Diretório em Paris. Em janeiro de 1798 os franceses ocuparam Roma e proclamaram a República Romana. O rei Ferdinando IV, de Nápoles, invadiu os Estados Papais tentando restaurar o governo papal em Roma e como contra-ofensiva os franceses invadiram Nápoles e estabeleceram a república Partenopeana, que embora fossem somente algumas províncias controladas pelo reino dos Bourbon se tornou a mais democrática dos governos revolucionários do triênio.<sup>4</sup> Assim formou-se um cordão de repúblicas na Itália – a Cisalpina (1797), a Liguriana (1797), a Romana (1798) e a Partenopeana (1798) – que se transformaram parcialmente em territórios franceses, todavia predominantemente em Estados satélites, como diz Hobsbawn (o reino da Itália, o reino de Nápoles).<sup>5</sup> As repúblicas entraram em colapso logo no começo do ano de 1799 devido à rápida deteriorização da situação italiana. A desilusão com a política francesa deu lugar ao nacionalismo e em Piemonte a sociedade secreta I Riaggi defendeu a democracia, a união e a propaganda antifrancesa que guiaria a Itália até a unidade e independência. Em 1800 o historiador napolitano Vincenzo Cuoco argumentou que a revolução italiana dos anos 1790 foi uma “revolução passiva”, não tendo raízes reais no solo italiano e nem parecer da elite nacional.<sup>6</sup> Já o historiador Modesto Florenzano argumenta da seguinte forma sobre o período:

Quanto aos historiadores, liberais, sobretudo, que usam a expressão [Revoluções Burguesas] restringindo-a a um período histórico e a uma área determinada (o Ocidente – Europa e América) entre 1770 e 1850, consideram que todos os numerosos movimentos (revoltas, rebeliões e insurreições) e as revoluções que neles ocorreram não só estão ligadas entre si, como exprimem as mesmas causas e características político-ideológicas: são epifenômenos de um mesmo processo, a passagem da sociedade ocidental de aristocracia a burguesia. Procedendo desta maneira, isto é, reduzindo tudo

---

<sup>4</sup> THE NEW ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Revolution, restoration and unification*. Macropaedia, 15th Edition, Volume 22. P. 225

<sup>5</sup> HOBBSAWN, Eric J. *A Era das Revoluções 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. P. 100.

<sup>6</sup> THE NEW ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Revolution, restoration and unification*. Macropaedia, 15th Edition, Volume 22. P. 225

a um denominador comum, acabam esvaziando a verdadeira natureza e o caráter específico próprio a cada revolução.<sup>7</sup>

E conclui: “Que a época acima deva ser considerada como revolucionária, não há dúvidas. Assim como não há dúvidas de que é por volta de 1830 que a sociedade européia começa a se tornar verdadeiramente burguesa” .<sup>8</sup>

Quando Napoleão se tornou o líder francês no período do Consulado renovou sua campanha na Itália e algumas das repúblicas foram restabelecidas. Napoleão favoreceu a criação de um grande estado italiano que preferencialmente fosse uma república com uma constituição baseada no modelo francês e que ele a controlasse. O estado foi criado por uma assembleia italiana em Lyon, na França, e Napoleão foi eleito o presidente na nova República Italiana, mas logo após o líder francês se tornar imperador a Itália se tornou parte de seu reino. O Código Civil de Napoleão se tornou a base do direito local na Itália e uma vez que o feudalismo foi abolido não mais se restabeleceu em parte alguma.<sup>9</sup>

Em 1809 Napoleão aboliu o poder temporal do papa, que reagiu excomungando-o, porém acabou se tornando prisioneiro do imperador. Napoleão controlava diretamente todo o nordeste e centro da Itália.

A Itália era toda dividida em estados e alguns deles se destacaram historicamente por medidas e movimentações no período. O reino de Nápoles, ao sul, experimentou algumas reformas cautelosas com os Bourbons, mas os franceses fizeram com que se exilassem na Sicília e José Bonaparte, irmão do imperador, foi proclamado rei de Nápoles. Privilégios feudais e imunidades foram finalmente abolidos, reformas fiscais, judiciais e educacionais semelhantes as do Reino da Itália foram introduzidas em Nápoles.

Sardenha e Sicília ficaram de fora do mundo Napoleônico, mas na Sicília os Bourbons estavam sob controle dos ingleses, política e militarmente. Foi introduzida uma constituição moderada por Lord William Bentinck restringindo os poderes do trono.

O regime napoleônico chegou ao fim na Itália junto com todo o restante da Europa. Logo após, o Congresso de Viena tentou restaurar a situação pré-revolucionária através de

---

<sup>7</sup> FLORENZANO, Modesto. *As Revoluções Burguesas*. São Paulo: Brasiliense, 1981. P. 12.

<sup>8</sup> FLORENZANO, Modesto. *As Revoluções Burguesas*. São Paulo: Brasiliense, 1981. P. 12.

<sup>9</sup> HOBSBAWN, Eric J. *A Era das Revoluções 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. P. 108

um pacto entre as nações vencedoras da França Napoleônica. Embora tivesse reacendido o absolutismo monárquico em alguns países, a questão de fundo era promover a transição da monarquia absoluta para a constitucional. O Congresso de Viena estabeleceu a ordem política na Itália que permaneceu até a unificação em 1870.<sup>10</sup> O papa recuperou seu domínio temporal na região central. A Restauração nos Estados Papais promovida principalmente pelo cardeal Consalvi incrementou a centralização do governo.

Em Nápoles as forças vitoriosas tomaram medidas para que os Bourbons não repetissem as retaliações de 1799, muitas reformas judiciais e administrativas dos franceses foram mantidas, mas concessões feitas a Igreja atrapalhavam o desenvolvimento da burguesia.

A Espanha experimentou uma revolução em 1820 onde os liberais ganharam poder e restabeleceram a constituição de 1812, o evento repercutiu na Itália e representantes do Reino das duas Sicílias marcharam até Nápoles gritando pela liberdade e pela constituição, amparados por um exército e pelos burgueses. O rei Ferdinando foi forçado a aceitar a constituição espanhola, que limitava seus poderes e reduzia a centralização, mas o exército austríaco apoiou o rei Ferdinando que recuperou o governo absoluto em março de 1821.

No Piemonte havia a ala mais liberal e educada da nobreza que se aliou a grupos burgueses que adotaram o programa constitucional Carbonario. Uma conspiração começou com o suporte dos liberais na Lombardia e do herdeiro do trono em Piemonte e Sardenha, Carlos Alberto. Carlos Felix apontou Carlos Alberto como regente em sua ausência temporária do trono, este proclamou então a constituição espanhola que não foi aprovada pelo primeiro, que então se uniu a tropas austríacas para recuperar sua autoridade.

Embora não houvesse revolução em Lombardia - Veneza uma complexa rede de oponentes ao sistema foi descoberta e suprimida. As reações políticas da década de 1820 foram acompanhadas por uma severa recessão econômica.

A revolução de 1830 em Paris iniciou um movimento conspiratório em Modena, a revolta se espalhou por Roma e os Estados Papais, devido a uma organização não adequada não receberam apoio de tropas francesas, então em março de 1831 o exército austríaco

---

<sup>10</sup> THE NEW ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Revolution, restoration and unification*. Macropaedia, 15th Edition, Volume 22. P. 228

restabeleceu a situação anterior. Os liberais moderados demonstraram compromisso com os monarcas absolutos, eles demonstraram desconfiança com os democratas e os republicanos que buscavam a unificação italiana através da revolução política e força dos exércitos. Os moderados acreditavam que era preciso educar o povo sobre as necessidades de mudança. A paz na península itálica entre 1831 e 1848 favoreceu o desenvolvimento econômico, exceto no sul onde a burguesia resultou de aglomerados feudais que nada fizeram para mudar a situação.

Os liberais católicos defendiam a idéia de que o progresso deveria retornar para o controle espiritual, feito mediante o controle da Igreja, como escreveu o mais destacado liberal católico Vincenzo Gioberti, que defendia uma federação italiana livre da hegemonia austríaca e sob a presidência do papa.<sup>11</sup>

### 3. Ascensão do Cardeal Cappellari

Bartolomeu Alberto Cappellari nasceu em Belluno no dia 8 de setembro de 1765. Seus pais eram membros da pequena nobreza do distrito e haviam sido proeminentes em serviços do estado. Aos 18 anos já dava evidências de sua vocação religiosa e então em 1783 se tornou noviço no monastério de San Michele di Murano, onde passou a ser tratado como Mauro. Três anos após foi ordenado padre.

Mauro gostava de estudar filosofia e teologia, o que ensinava para os novatos em San Michele. Já em 1799 publicou um livro sobre a infalibilidade papal e a soberania temporal, o que causaria muitos desacordos durante seu papado.<sup>12</sup> No próximo ano foi nomeado Abade Vicário de San Gregório e somente em 1825 se tornou Vigário *in petto*, tornou-se então Cardeal do San Callisto e Prefeito da Congregação da Propaganda.

Em 1830 quando morre o então papa Pio VIII, o concílio se une e elege o Cardeal Cappellari como o novo Supremo Pontífice que passaria a ser chamado de Gregório XVI, em memória de Gregório XV criador da Propaganda. Segundo Eamon Duffy “a eleição de

---

<sup>11</sup> THE NEW ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Revolution, restoration and unification*. Macropaedia, 15th Edition, Volume 22.

<sup>12</sup> Trata-se da obra *Il Trionfo Della Santa Sede*, um vigoroso ataque contra o episcopalismo josefista e jansenista, argumentando que a Igreja era uma monarquia independente do poder civil e que o papa era infalível no exercício de sua dignidade doutrinária de pastor principal. Evidenciava uma rígida e inflexível mentalidade autoritária e uma visão do papado que não tolerava contestação.

Gregório ocorreu num momento de grave crise política” e “ficou bem claro o quanto o papado era prisioneiro da aliança do trono com o altar”.<sup>13</sup> Tão logo assume o papado a revolução estoura nos Estados Papais, a maioria deles repudiava a soberaniedade do papa. Até mesmo em Roma surgiram projetos revolucionários, o que levou o papa a pedir auxílio para a Áustria. As revoltas foram contidas no momento e em abril o papa pode restabelecer a ordem.

No mês seguinte os representantes de Áustria, Rússia, França, Prússia e Inglaterra se encontraram em Roma para discutir a questão das “Reformas dos Estados Papais”, onde solicitavam do governo papal reformas judiciárias e administrativas, eleição popular para os

Conselhos e uma administração laica das finanças. Gregório considerava algumas das sugestões praticáveis, mas de modo algum permitiria eleições populares para os Conselhos e não permitiria um Conselho de Estado paralelo ao Sagrado Colégio.

As reformas estavam longe de satisfazer os revolucionários e em dezembro de 1831 os Estados Papais estavam em revolta novamente. Mais uma vez foi requisitada a ajuda das tropas austríacas que junto com as tropas papais derrotaram os rebeldes e dominaram Bologna. Mas desta vez a França protestou contra a ocupação austríaca, o papa protestou, entretanto Prússia e Rússia também tomaram partido ao lado dos franceses. A França não desistiu até que os austríacos saíssem dos Estados Papais em 1838. As revoluções na França e na Holanda criaram uma situação difícil, Gregório era esperado para condenar ou aceitar as mudanças. Em agosto de 1831 o papa soltou uma circular, “*Sollicitudo Ecclesiarum*”, onde reiterava os Pontífices anteriores em relação à independência da Igreja e recusava ser envolvido por dinastias políticas. Em novembro o papa recebeu o Abade Lamennais para debater as questões entre o episcopado francês e os diretores do “L’Avenir”.<sup>14</sup> Em 1832 Gregório editou a encíclica *Mirari Vos* condenando não apenas a política do “L’Avenir” como também muitas doutrinas morais e sociais defendidas por escolas revolucionárias, “sua rejeição dos valores liberais ganhou expressão mais

---

<sup>13</sup> DUFFY, Eamon. *Santos e Pecadores: história dos papas*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998. P. 218

<sup>14</sup> Jornal publicado por Lamennais e seus adeptos cujo cabeçalho era o *slogan* “Deus e liberdade” e que advogava a separação entre o trono e o altar, com uma Igreja livre num Estado livre.



considerável”.<sup>15</sup> A encíclica gerou uma série de críticas por toda a Europa, embora alguns adversários não tivessem lido com atenção e criticado proposições que não estavam no texto. Dois anos depois o papa achou necessário editar outra, a *Singulari Nos*, criticando a resposta de Lamennais a *Mirari Vos*.

Gregório foi obrigado a lutar com os soberanos dos Estados por justiça e tolerância para a Igreja Católica em suas regiões. Em Portugal a ascensão de Maria da Glória irrompeu uma legislação anticlerical. Na Espanha a rainha Maria Cristina conduziu um programa anticlerical, a paz só foi restaurada na Igreja espanhola após a morte de Gregório. Na Prússia a questão que envolvia casamentos que causou problemas.

O papado de Gregório se guiava para o fim. Em 1846 o papa ficou doente e tornou-se claro que o fim estava próximo, em nove de junho sucumbiu. Gregório se mostrou na política um opositor de um mínimo progresso democrático, acreditava na autocracia. Nem suas inclinações ou experiências tornavam-no favorável a liberdade política. Não foi um grande papa ou estava devidamente preparado para os problemas de sua época, mas devido a sua devoção e seu trabalho em Roma a Igreja Católica angariou vários benefícios.<sup>16</sup>

#### 4. A Encíclica *Mirari Vos*

No dia 14 de agosto de 1832 o papa Gregório XVI publicou a carta encíclica *Mirari Vos*, na qual condenava as idéias dos movimentos revolucionários, o problema que gerava as maiores preocupações para a Igreja no momento, e convidava toda a comunidade católica a combatê-las radicalmente. A carta seguia a linha chamada por Silvio Romero de “reação católica” e descrita por Luis Washington Vita “como a ideologia que via o núcleo da cultura na religião, pouco importando a ciência, o progresso material ou técnico”.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> DUFFY, Eamon. *Santos e Pecadores: história dos papas*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998. P. 220.

<sup>16</sup> THE CATHOLIC ENCYCLOPEDIA. *Pope Gregory XVI*. Volume VII, Published 1910, New York. Gregório criou mais de setenta novas dioceses e vicariatos, incluindo nos Estados Unidos e Canadá, e nomeou 195 bispos missionários. Cada vez mais as igrejas do além-mar deviam sua organização e sua liderança à Santa Sé e não ao poder colonial. Cresceu a estatura do papado no mundo.

<sup>17</sup> RODRIGUES, Anna Maria Moog. *O Tradicionalismo Católico* in ‘Atas do VII Colóquio Antero de Quental’, Vol. II. São João Del-Rei: UFSJ, 2009. P.191. A autora cita ainda o caso inglês de Edmund Burke que, acreditando na tradição britânica, formulava a filosofia do tradicionalismo onde a tradição serviria melhor para a sustentação política e que isso definiria a atitude mental da grande maioria dos católicos após a Revolução Francesa.

De acordo com a carta:

A terra ficou infeccionada pelos seus habitantes, porque transgrediram as leis, mudaram o direito, romperam a aliança eterna. [...] Menospreza-se a santidade das coisas sagradas [...]. Por esses meios é que se corrompe a santa doutrina e disseminam, com audácia, erros de todo gênero.<sup>18</sup>

Para a prevenção dos inconvenientes o papa convocava os bispos para restabelecer a ordem, segundo Gregório “a Igreja universal repele toda novidade”,<sup>19</sup> e continua dizendo que “deveis, pois, trabalhar e vigiar assiduamente, para guardar o depósito da fé apesar da tentativa dos ímpios, que se esforçam por dissimulá-lo e desvirtuá-lo”.<sup>20</sup> Mas a verdade é que os tempos já haviam mudado, “para um grupo de intelectuais e ideólogos românticos, a aliança entre o trono e o altar tinha um significado mais profundo, o de preservar uma velha sociedade viva e orgânica contra a corrosão da razão e o liberalismo”.<sup>21</sup> E Modesto Florenzano lembra que:

A Revolução Francesa pôs em prática as revolucionárias idéias baseadas na igualdade (jurídica) e liberdade (econômica e política) e as idéias e as práticas mais revolucionárias ainda, da democracia popular e da justiça e igualdade social.<sup>22</sup>

Isso tudo abalou as ligações entre Igreja e Estado, que passaram a simbolizar um modelo arcaico da sociedade, levando Saint-Just, um radical defensor do Terror na Revolução Francesa, a comentar: “quando disser em algum momento que o trono e o altar são inabaláveis enquanto estiverem unidos, só falarei do Estado teocrático e não da República”.<sup>23</sup>

---

<sup>18</sup> GREGÓRIO XVI. *Carta Encíclica Mirari Vos*, 1832. P. 2.

<sup>19</sup> GREGÓRIO XVI. *Carta Encíclica Mirari Vos*, 1832.

<sup>20</sup> GREGÓRIO XVI. *Carta Encíclica Mirari Vos*, 1832. P. 3

<sup>21</sup> HOBBSAWN, Eric J. *A Era das Revoluções 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. P. 252.

<sup>22</sup> FLORENZANO, Modesto. *As Revoluções Burguesas*. São Paulo: Brasiliense, 1981. P. 13.

<sup>23</sup> SAINT-JUST, Louis Antoine Leon. *O Espírito da Revolução*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1989. P. 82

Há espaço ainda na carta para se condenar a liberdade de imprensa e se reiterar o celibato clerical. Mas o que geraria certo problema seria o tópico *Caracteres do Matrimônio Cristão*, onde o pontífice dizia: “não se diga e não se tente dizer algo quer contra a santidade quer contra a força indissolúvel deste vínculo” e continua, “tenham presente que o matrimônio pertence às coisas sagradas, e está sujeito à Igreja”.<sup>24</sup> Esta passagem seria motivo de alguns problemas especialmente com a Prússia, como citado anteriormente.

Não poderia estar de fora a condenação do indiferentismo religioso, uma perversa teoria espalhada por toda parte de que se poderia alcançar a vida eterna em qualquer religião, desde que se tomasse uma conduta reta e honesta. E desta fonte do indiferentismo brotava também a defesa da liberdade de consciência, de onde sairia o desprezo das coisas sagradas e a peste da república. Mas apesar do esforço, Hobsbawn diz que:

Em termos puramente religiosos, portanto, nosso período [1770-1850] foi de uma crescente secularização e de indiferença religiosa (na Europa), combatidas pelo despertar da religião em suas formas mais intransigentes, irracionais e emocionalmente compulsivas.<sup>25</sup>

De todo modo, como comenta Eamon Duffy:

*Mirari Vos* é um marco. Embora seu tom violento e sua oposição resoluta à mais leve alusão ao liberalismo não fossem inteiramente novos [...] a encíclica de Gregório estabeleceu o modelo e, em certa medida, a agenda das manifestações mais importantes de seu sucessor, Pio IX. Dali por diante, o papado estava preso a uma atitude de desconfiado repúdio aos progressos políticos modernos e à corrente de idéias a eles subjacente. A hostilidade de Gregório contra a campanha por ‘uma Igreja livre num Estado livre’, que subjaz a maior parte da obra católica liberal em prol da Igreja, definiu o resto de seu pontificado.<sup>26</sup>

## 5. Considerações finais

---

<sup>24</sup> GREGÓRIO XVI. *Carta Encíclica Mirari Vos*, 1832. P. 4.

<sup>25</sup> HOBBSAWN, Eric J. *A Era das Revoluções 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. P. 251.

<sup>26</sup> DUFFY, Eamon. *Santos e Pecadores: história dos papas*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998. P. 220

O período revolucionário na Europa abalou as estruturas que sustentavam o chamado Antigo Regime. A Revolução Francesa é considerada um evento divisor de águas na história da humanidade que não só permitiu a chegada de uma nova classe social ao poder como também desestabilizou a tradicional ligação entre Igreja e Estado vigente até então. Um significativo passo à frente foi dado rumo à liberdade em vários sentidos, foi rompimento de concepção da sociedade em corpos para o entendimento do indivíduo. Tais ventos revolucionários se espalharam com grande facilidade pela Europa juntamente com o domínio de Napoleão Bonaparte que ia construindo seu império.

Após 1815 o Congresso de Viena desenvolvia como questão de fundo a transição da monarquia absoluta para a monarquia constitucional, desejo disseminado pela burguesia. Mas as agitações revolucionárias permaneciam e a completa ascensão da burguesia ao poder ainda não havia sido completada, por isso quando Alberto Capellani se torna papa Gregório XVI encontra um contexto europeu abalado pelos ideais liberais desde os primeiros movimentos na França assim como a intensificação de um movimento anticlerical e de indiferentismo religioso.

Gregório deixou claro em seu papado que não era favorável ao progresso democrático e que muito preocupava à Igreja a separação ao Estado. A encíclica *Mirari Vos* foi um grito de alerta em um cenário que já não se sustentava mais no tradicionalismo, em meio às crescentes manifestações do liberalismo e da burguesia. A realidade não permitiu uma boa recepção da carta, em alguns casos na Europa a situação só se tornou mais amena após a morte do papa Gregório XVI.

No caso do Brasil, o ambiente já se configurava tenso com a abdicação de Dom Pedro I, o período regencial em vigência se tratava de uma situação mais democrática e, além disso, a liberdade de imprensa já caminhava a passos largos. Na época da publicação da encíclica o Arcebispo de Salvador, Dom Romualdo Antonio de Seixas, ocupava a condição de Primaz do Brasil, já desde 1928, e possuía grande atuação política. A conduta adotada pelo mesmo expressava certa desobediência em relação ao papa Gregório XVI, nos períodos em que fez parte das Legislativas (1826-1829/ 1834-1837/ 1838-1841) seguiu naturalmente a corrente mais liberal no Brasil.

É certo que o quadro no Brasil já era de agitação quando Gregório publicou a encíclica e seguir tais preceitos poderia complicar mais ainda as coisas. Já em 1828, por exemplo, o próprio Primaz do Brasil deu seu apoio ao projeto de lei de Clemente Pereira que regulamentava o exercício da liberdade de imprensa. Paralelo a isso ia se clareando uma postura anticlerical, o que certamente pesou para Dom Romualdo ignorar o posicionamento do Vaticano frente aos governos representativos. O próprio já dizia que:

Já ninguém acredita na infalibilidade do papa, todos sabem hoje que ele não é superior aos Concílios gerais; que tem sim a principal autoridade nas questões de fé, mas que as suas decisões só podem reputar-se dogmáticas e definitivas quando são ratificadas e aceitas pela Igreja Universal, só a quem compete de inerrância ou infalibilidade.<sup>27</sup>

Mais rude ainda era Lino Coutinho que trata das questões com o Vaticano e o papa dizendo que “o Sumo Pontífice é um monarca, com o qual devemos fazer tratados de aliança. Faça-se o tratado, como se faz diplomaticamente com as outras nações, e isto sobre objetos de disciplina eclesiástica”.<sup>28</sup> A questão anticlerical ficaria mais explícita ainda no início da década de 1830 com a turbulência na Terceira Legislatura gerada pela abdicação de Dom Pedro I.

Dessa forma a corrente do tradicionalismo no Brasil não era mais tão radical quanto gostaria o papa. Ubiratan Macedo lembra que os tradicionalistas brasileiros defendiam a liberdade de imprensa e o pensamento em nome dos direitos da verdade.<sup>29</sup> E o fato é que havia muitos católicos liberais, já que “a ideologia tradicionalista indicaria uma atitude antiliberal, oposta ao pensamento político predominante na elite durante o Império”,<sup>30</sup> segundo Anna Maria Moog Rodrigues. O próprio Primaz, como ficou evidenciado mais acima, se incluía nessa linha. Ocorrendo que no Brasil a semente do liberalismo já havia

---

<sup>27</sup> PAIM, Antonio. *Discursos Parlamentares de D. Romualdo Seixas* in ‘Atas do VII Colóquio Antero de Quental’, Vol. II. São João Del-Rei: UFSJ, 2009. P. 63.

<sup>28</sup> PAIM, Antonio. *Discursos Parlamentares de D. Romualdo Seixas* in ‘Atas do VII Colóquio Antero de Quental’, Vol. II. São João Del-Rei: UFSJ, 2009. P. 64.

<sup>29</sup> MACEDO, Ubiratan. *O Tradicionalismo Brasileiro* in ‘Atas do VII Colóquio Antero de Quental’, Vol. II. São João Del-Rei: UFSJ, 2009. P. 160.

<sup>30</sup> RODRIGUES, Anna Maria Moog. *O Tradicionalismo Católico* in ‘Atas do VII Colóquio Antero de Quental’, Vol. II. São João Del-Rei: UFSJ, 2009. P. 190

sido germinada e favorecia com frutos de liberdade que adoçavam a situação política em si, seguir a linha mais rígida proposta pelo papa com a publicação da encíclica significaria matar a raiz de uma árvore, sendo que a derrubada desta levantaria mais poeira ainda em um cenário político que já corria riscos de incêndio devido aos fatos logo do início da década de 1830 no Brasil.

#### **Referências:**

DARHENDORF, Ralf. *O Liberalismo e a Europa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

DUFFY, Eamon. *Santos e Pecadores: história dos papas*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

FLORENZANO, Modesto. *As Revoluções Burguesas*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GREGÓRIO XVI. *Carta Encíclica Mirari Vos*, 1832.

HOBBSAWN, Eric J. *A Era das Revoluções 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MACEDO, Ubiratan. *O Tradicionalismo Brasileiro* in 'Atas do VII Colóquio Antero de Qental', Vol. II. São João del-Rey: UFSJ, 2009.

PAIM, Antonio. *Discursos Parlamentares de D. Romualdo Seixas* in 'Atas do VII Colóquio Antero de Qental', Vol. II. São João Del-Rei: UFSJ, 2009.

RODRIGUES, Anna Maria Moog. *O Tradicionalismo Católico* in 'Atas do VII Colóquio Antero de Qental', Vol. II. São João Del-Rei: UFSJ, 2009.

SAINT-JUST, Louis Antoine Leon. *O Espírito da Revolução*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1989.

THE CATHOLIC ENCYCLOPEDIA. *Pope Gregory XVI*. Volume VII, Published 1910, New York.

THE NEW ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Revolution, restoration and unification*. Macropaedia, 15th Edition, Volume 22.

Data de registro: 02 de fevereiro de 2009

Data de aceite: 29 de maio de 2009